



DOSSIÊ - ENTREVISTA



O Pensamento de Monique Wittig

Miriam Pillar Grossi, *Universidade Federal de Santa Catarina*

Entrevistadoras: Ana Carla da Silva Lemos e Bárbara Elcimar dos Reis Alves

Transcrição e Revisão: Cecília Carvalho, Felipe Fernandes e Frederico Soares



(((AUDIODESCRIÇÃO)))

#PraCegoVer: Nessa foto, tirada logo após o término do seminário *Enlaçando Sexualidades* em Salvador/BA, vemos quatro mulheres abraçadas. Todas sorriem. Da esquerda para a direita estão Maéli Arali, Miriam Pillar Grossi, Ana Carla Lemos e Bárbara Elcimar dos Reis Alves.



Esta entrevista foi pensada para a realização da videoaula sobre Monique Wittig para o curso de extensão à distância *Pensamento Lésbico Contemporâneo* (UFBA, 2017). As perguntas estavam formuladas para que a antropóloga Miriam Pillar Grossi respondesse sobre a conjuntura da França e o pensamento de Monique Wittig, mas não foi preciso, pois a autora já deu toda a aula, sem qualquer intervenção.

Fico muito contente pelo convite para falar sobre a obra de Monique Wittig e quero parabenizar vocês por esse curso sobre o *Pensamento Lésbico Contemporâneo*. Achei muito legal a palavra de ordem “Leiam Lésbicas” que está nos outdoors da cidade, por iniciativa de vocês.

Acho que realmente é muito importante a gente dar visibilidade a um pensamento que muitas vezes aparece como apenas da teoria feminista ou da teoria *queer* e não necessariamente como um pensamento lésbico, ou seja, produzido por mulheres que se reconhecem enquanto tal e que falam deste lugar e experiência social. Eu parabenizo a iniciativa de vocês de nomear esse pensamento como “pensamento lésbico”.

Em relação a Monique Wittig, eu acho que ela tem lugar importante nesse campo. Há várias questões de sua produção teórica e da sua vida pessoal que determinam o pensamento dela e fazem que ela seja uma pessoa importante nessa ponte entre o pensamento lésbico francês e o pensamento lésbico norte americano.

Primeiro, é importante lembrar que Wittig nasceu nos anos 1930 e começou a publicar nos anos 1970. Em maio de 1968, quando acontecem as revoltas estudantis na França, as mulheres feministas se reúnem pela primeira vez enquanto movimento. Há uma reunião de mulheres que passam a se autodenominar feministas durante a ocupação da Universidade Sorbonne, em maio de 1968. As mulheres presentes questionavam “onde está a mulher revolucionária?”, que era o tópico central daquele momento. Monique Wittig é dessa geração, tinha 30 e poucos anos naquele momento e já era escritora.



Ela já tinha escrito seu primeiro romance, publicado em 1964. E ela vai fazer parte, então, desse grupo que, no final dos anos 60 e início dos anos 70, publica a primeira revista feminista francesa, que se autodenominava “radical”. É muito interessante pensar que o que hoje se chama de feminismo radical é muito diferente do que se chamava de feminismo radical naquele momento na França.

A categoria “radical”, naquele momento, remetia a um tipo de feminismo que tinha uma preocupação forte com as questões materiais, de classe e também com isso que viria a ser o pensamento lésbico e a produção feminista das mulheres sem, todavia, se autodenominarem como pensadoras lésbicas. Eu até me pergunto se em algum momento Monique Wittig se autoclassificou dessa forma. Acho que ela foi classificada assim, e que Judith Butler teve um papel muito importante nessa recuperação e visibilização do trabalho da Monique Wittig, ao escrever o livro *Gender Trouble (Problemas de Gênero)*. Monique Wittig era, então, bastante desconhecida no campo dos estudos feministas e *queer*. Ela era uma escritora que tinha escrito alguns romances e ela havia fundado, junto com várias outras feministas daquela época - entre elas, Simone de Beauvoir, que foi uma espécie de editora de honra - a *Questions Féministes (QF)*. Após um racha no corpo editorial, a revista passa a ser conhecida como *Nouvelles Questions Féministes (NQF)*, já sem a presença de Monique Wittig.

Questions Féministes foi uma das primeiras revistas feministas de língua francesa e hoje a classificariamos como revista acadêmica, mas ela surge na interface entre movimento social e produção teórica de conhecimento no campo do feminismo. É nessa revista que se reuniu o que hoje podemos chamar do primeiro grupo de pensadoras lésbicas feministas francesas. A *Questions Féministes* foi, assim, um espaço importante de discussão, de debate e de reflexão sobre a questão da sexualidade das mulheres, sobre a questão da lesbianidade e seu lugar no pensamento feminista contemporâneo. Segundo historiadoras do feminismo francês, é justamente a questão da lesbianidade que gera um racha no grupo editorial da revista, sendo também uma das supostas razões do exílio de Monique Wittig nos Estados Unidos.



No início, o grupo que editava essa revista era composto por várias feministas históricas francesas e algumas autorreconhecidas lésbicas, que depois se tornam autoras importantes, como Nicole Mathieu e Christine Delphy, pensadoras francesas que, mais adiante, refletem sobre as temáticas lésbicas. A própria Christine Delphy não reflete diretamente sobre a questão lésbica, apesar de ser uma questão presente na sua produção teórica sobre a dominação das mulheres e o trabalho doméstico.

Então, esse grupo produz a revista, mas, como todos os movimentos sociais da época, o feminismo era permeado por conflitos e pelos famosos rachas. Os rachas são momentos em que os grupos se dividem, se subdividem e entram em disputa pela herança do grupo. Às vezes, após o racha, uma parte fica com o nome e a outra cria outro grupo com outro nome. Às vezes o grupo implode radicalmente e ninguém fica com a herança do nome do grupo e outros grupos são criados a partir do racha. No caso da *Questions Féministes*, era a publicação da revista que unia o grupo - e ela deixa de existir no momento do racha. Depois, a revista é refundada com o nome de *Nouvelles Questions Féministes* pelo grupo oposto a Monique Wittig.

No início dos anos 1970, Wittig encontra uma companheira norte-americana e, por razões pessoais, se muda para os Estados Unidos. Quando ela reaparece na cena teórica feminista, através da Judith Butler, muitas pessoas se perguntaram “mas quem é essa Monique Wittig?”. Todo mundo achava que era uma norte-americana, pois ela morava nos Estados Unidos. Para quem não tinha acompanhado a história da Monique Wittig, da virada dos anos 1960 para os anos 1970, não tinha essa lembrança da Monique Wittig como pensadora feminista francesa.

A partir dos anos 1970, ela passa a produzir nos Estados Unidos. Um dado super interessante é que, apesar de ela ser francesa e escritora, ela passa a escrever em inglês. Então, o livro fundamental dela sobre o que a gente vai chamar de “pensamento hétero” só vai ser traduzido para o francês já na década de 2000. E vejam, são outras pessoas que a traduzem. Não é ela, que tem francês como língua materna, que traduz o seu próprio livro, o seu próprio pensamento. Então, a questão



linguística também é importante em sua obra. O fato de ter escrito em inglês também foi, de certa maneira, uma vantagem que ela teve face a outras experiências de escrever em francês, uma vez que o inglês é uma língua muito mais lida atualmente no mundo do que o francês. Isso permitiu que ela tenha tido mais impacto global no campo da teoria feminista e do pensamento lésbico.

A teoria feminista francesa se desenvolveu de forma muito diferente dos Estados Unidos. Na França, levou-se muito tempo para haver programas de pós-graduação em estudo de gênero e até hoje são muito poucos os programas, os departamentos ou núcleos e centros de pesquisa específicos sobre as temáticas de gênero e sexualidade. Nos Estados Unidos, esse é um movimento que começa nos anos 1970, se amplia nos anos 1980 e, nos anos 1990, está totalmente consolidado nas universidades norte-americanas, em departamentos e cursos.

Temos, primeiro, os estudos da mulher, que depois se tornam estudos de gênero e, por fim, chegam as questões LGBT e *queer*. Então, o fato da Monique Wittig estar sediada nos Estados Unidos, produzindo em inglês, permite também que ela se torne conhecida nesse circuito norte-americano. Por sua vez, por todas as relações de poder entre Norte e Sul, suas teorias são também reapropriadas pelo Sul, uma vez que o sul, até muito recentemente, só reconhecia, mesmo no campo feminista, a produção teórica do Norte. Vocês são de uma geração que já sabem que o Sul produz estudos decoloniais e pós-coloniais, mas isso só passa a ser mais difundido nos anos 2000. Pensando no *trânsito de teorias*, categoria de Cláudia de Lima Costa, até os anos 1990, as teorias viajavam com mais frequência do Norte para o Sul. Isto se produzia muito mais raramente do Sul para o Norte, pois a questão linguística - a língua na qual escrevemos - era um dado muito importante nesta dificuldade de o Sul ser lido pelo Norte. Então, nesse ponto eu diria que a conjuntura na qual Monique Wittig produziu é também parte do que aconteceu com o reconhecimento de sua obra. O livro de ensaios teóricos dela só foi traduzido para o campo francês após sua morte, nos anos 2000. Ela foi esquecida de forma absoluta na França entre os anos 1970 e 2000.



Nos Estados Unidos, ela escreve romances marcados por suas personagens lésbicas - seu romance mais conhecido se chama *As Guerrilheiras*. Mas, voltando ao que eu acho importante nesse “leiam lésbicas”, do curso que vocês estão organizando, é pensar qual é a principal contribuição teórica da Monique Wittig. Acho que a principal frase dela é “ser lésbica é um ato político”. Quando ela diz “as lésbicas não são mulheres”, isso provoca um grande desconforto entre as feministas.

Hoje a gente entende o que isso significa enquanto politização do que é ser lésbica. Pois não ser mulher é uma forma de tentar escapar das relações de poder masculino, da sociedade patriarcal, das relações heterocentradas, das relações onde as mulheres estão sempre um lugar de apoio, subalterno nas relações com os homens.

Então, quando ela escreve que “as lésbicas não são mulheres”, ela está dizendo que ser lésbica é algo além das relações afetivossexuais entre mulheres. Até então, com exceção da Adrienne Rich, o pensamento lésbico compreendia a lesbianidade como sinônimo de relações afetivossexuais entre mulheres, fazendo um paralelo sobre as reflexões que se tinha sobre a homossexualidade masculina, que se caracterizaria pelo desejo homoerótico entre homens. Essa era a matriz teórica lésbica antes de Wittig, que nos traz, então, outro elemento: o que é importante não são as práticas sexuais entre mulheres que se autorreconhecem lésbicas, mas os encontros entre elas. O encontro afetivossexual entre mulheres é poderoso do ponto de vista político, porque justamente as mulheres, que não dependem afetiva e economicamente de homens na situação da conjugalidade heterossexual tradicional, se empoderam fora desse sistema patriarcal masculino. Isso é a grande questão hoje que faz muitas mulheres se autorreconhecem publicamente como lésbicas. Vejo isso entre muitas alunas minhas com práticas heterossexuais que, depois de fazerem os cursos de gênero e lerem Monique Wittig, em situações de embate político se autorreconhecem enquanto lésbicas, e dizem: “me reconhecer enquanto lésbica publicamente em um espaço heterocentrado é me colocar em uma posição de marginalidade, em uma posição de abjeção e, portanto, provocar o interlocutor e a interlocutora a



rever o que pensa de uma sujeita e a analisar o que está por trás dessa categoria lésbica”.

O central do pensamento da Monique Wittig é isso: entender que se autodenominar lésbica não é apenas o amor entre mulheres - o que já é muito importante, também. Mas é para além do amor entre mulheres, é a posição política que nós assumimos enquanto mulheres que nos automeamos lésbicas. Em uma sociedade onde as mulheres são subalternizadas e onde as mulheres só têm valor através do vínculo com um homem, em geral o marido ou o pai, se colocar de fora desses vínculos é, em si, um ato político fundamental.

Portanto, quando nos automeamos lésbicas ou nos reconhecemos enquanto tais, nós estamos justamente fazendo uma transgressão poderosa dos processos de dominação. O que nós dizemos? “Nós não precisamos de um homem, nosso poder está em outro lugar, nós estamos fora, acima, à margem, como quisermos pensar, desse centro de poder, dessa disputa de poder”. Nesse sentido, o que diferencia o pensamento lésbico do pensamento gay é que este último não consegue se desvencilhar das estruturas de dominação nas quais é produzido. O máximo que se consegue, sobre a identidade gay, é vê-la como marcada pela posição do sujeito feminino e, portanto, pela subalternidade do sujeito feminino. Não há, no pensamento gay, nem nas práticas gays, segundo a Monique Wittig, o mesmo potencial de subversão, de transgressão das normas da sociedade heterocentrada, heteronormativa, patriarcal, etc., porque dois homens juntos continuam se beneficiando dos privilégios da masculinidade hegemônica.

Agradecemos a professora Miriam Pillar Grossi pelas colocações sobre o pensamento de Monique Wittig e a breve conjuntura sobre as questões feministas e lésbicas no contexto da França. Dá para entender que os rachas não vem de hoje, que se faz necessário refletir sobre os diálogos, conflitos e pontes necessárias entre o feminismo e o pensamento lésbico. Partimos da perspectiva que não precisamos lidar com as oposições de pensamentos, mas refletir através das pautas em comum - construção de pontes, como a própria Wittig menciona. Talvez assim possamos entender que o feminismo parte de construções



ideológicas e políticas para a emancipação das mulheres. Entendemos mulheres no sentido plural da palavra, pois não há um tipo de mulher universal, por isso precisamos urgentemente ver o que une e os pensamentos feministas e lésbicos, fortalecendo nossas pautas políticas e construções epistêmicas mais amplas, mas também a partir do lugar situado de fala.

Apoio



PROEXT
PRO-REITORIA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

